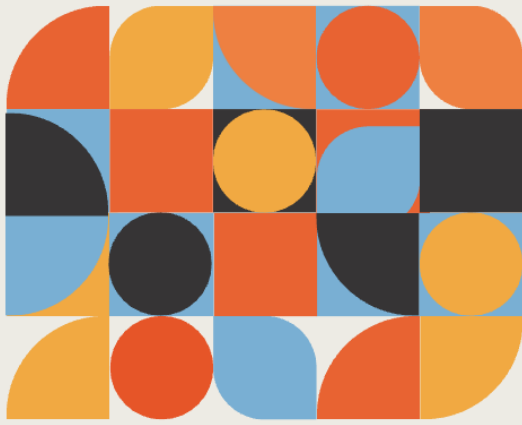




DESENHAR A DIFERENÇA: DISCURSOS SOBRE A DEFICIÊNCIAS NAS ILUSTRAÇÕES DE MODA

ANDRADE, Natalie Rodrigues Alves Ferreira de; Me; Universidade de Franca, natalieferreira80@gmail.com¹

LIMA, Milena Moscardini N. G.; Me; Universidade de Franca, milenagl@me.com²

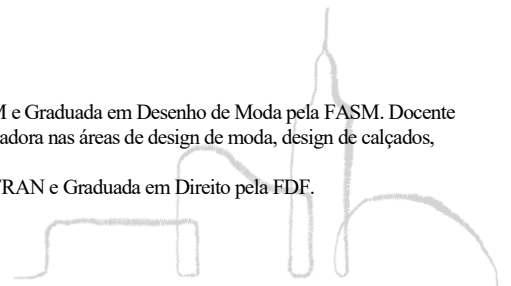
RESUMO

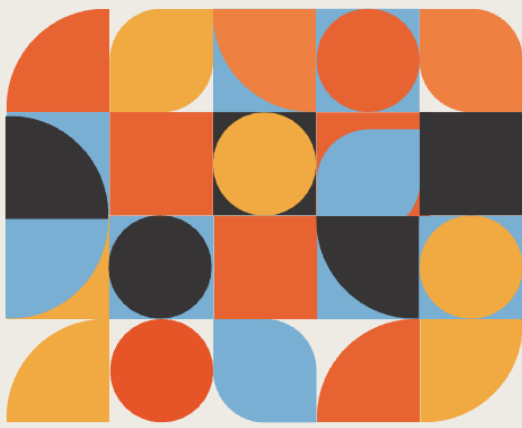
Na contemporaneidade, o discurso da diversidade se amplia no campo da moda; no entanto, ainda é visível a escassez de representações que incluam corpos com deficiência, especialmente nas ilustrações de moda. Apesar de não exigirem fidelidade anatômica ou realista, tais representações operam historicamente como dispositivos visuais normativos, reforçando padrões corporais hegemônicos ou até mesmo inalcançáveis. Este estudo tem o objetivo de analisar como corpos com deficiência são representados nas ilustrações e quais efeitos de sentido e discursos emergem dessas visualidades. Também problematiza se o ensino da ilustração da moda tem adotado uma abordagem mais inclusiva ou se segue reproduzindo padrões de corpos excludentes e capacitistas. O corpus é composto por quatro ilustrações digitais, selecionadas por meio de pesquisa webgráfica orientada por três critérios: (i) representações explícitas ou sugeridas da deficiência (cadeira de rodas, próteses, ausência de membros), (ii) autoria de profissionais do campo da moda, design gráfico ou artes visuais; (iii) circulação pública em mídias como revistas, exposições e plataformas digitais, permitindo análise das condições de produção discursiva. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, ancorada na Análise do Discurso de orientação foucaultiana, especialmente nos conceitos de corpo, norma, disciplina e visibilidade. Para Foucault (1975), o corpo é efeito das práticas discursivas e dos jogos de saber-poder que o constituem e o regulam. As ilustrações analisadas — de Laura Callaghan (2018), Stephanie McKay (2020), Ana Jaks (2022) e Drika Valério (2023) — expõem corpos com deficiência atravessados por marcadores interseccionais como raça, identidade de gênero e corporalidade, desafiando parcialmente o ideal estético dominante. Entretanto, essas representações ainda ocupam um espaço residual, marcado por silenciamentos, apagamentos e exotizações.

Palavras-chave: ilustração de moda; deficiência; corpo.

¹ Doutoranda em Linguística na linha de pesquisa de Análise de Discurso pela UNIFRAN, Mestre em Design pela UAM e Graduada em Desenho de Moda pela FASM. Docente universitária e atualmente coordenadora do curso superior em Gestão da Produção Industrial da FATEC Franca. Pesquisadora nas áreas de design de moda, design de calçados, processos criativos e ilustrações de moda.

² Doutorando em Linguística na linha de pesquisa de Análise de Discurso pela UNIFRAN, Mestre em Direito pela UNIFRAN e Graduada em Direito pela FDF.





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

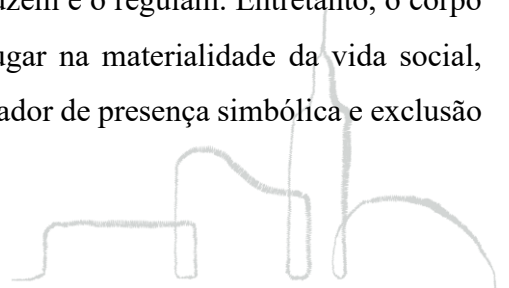
Na atualidade, o discurso da diversidade tem se expandido no campo da moda, mas ainda é visível a escassez de representações que incluam corpos com deficiência, sobretudo no âmbito da ilustração de moda, que não necessita corresponder a realidade e a proporção humana, porém, historicamente, os desenhos de moda têm operado como um dispositivo visual normativo, reforçando padrões corporais hegemônicos ou até mesmo padrões de corpo inalcançáveis.

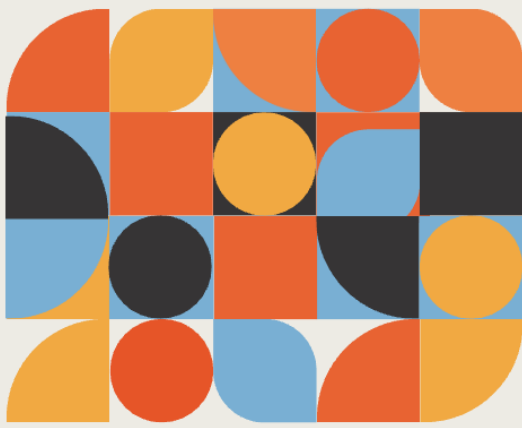
Este estudo tem o objetivo de analisar se, e como corpos com deficiência são representados nas ilustrações de moda, investigando os efeitos de sentido produzidos por essas imagens e os discursos que as atravessam. O sistema da moda e sua indústria, caminham a passos lentos com relação a inclusão de diversidade relacionadas a raça, gêneros, corpo ou deficiência.

Outro questionamento abordado neste trabalho é se, estaria o ensino da ilustração da moda, voltado à representação inclusiva dos corpos, ou ainda reproduzindo padrões normativos. Também há o questionamento se nas ilustrações de moda - uma das técnicas de desenho de moda – é possível observar ilustrações de corpos deficientes.

O corpus deste estudo é composto por quatro ilustrações digitais, selecionadas por meio de pesquisa webgráfica com os seguintes critérios: (i) representarem corpos com deficiência de forma explícita ou sugerida (cadeira de rodas, próteses, ausência de membros), (ii) terem sido criadas por ilustradores do campo da moda, design gráfico ou das artes visuais, com circulação pública em revistas, sites ou exposições. Buscamos encontrar ilustrações que possuem acessibilidade a briefings, entrevistas ou comentários dos autores, possibilitando a análise das condições de produção.

A pesquisa é de natureza qualitativa, com base teórico-metodológica na Análise do Discurso de orientação foucaultiana, especialmente nos conceitos de corpo, visibilidade, disciplina e norma. Para Foucault (1975) o corpo é um efeito das práticas discursivas e dos jogos de saber-poder que o produzem e o regulam. Entretanto, o corpo que traz uma marca, e que aparece nas campanhas de moda não tem lugar na materialidade da vida social, ocupando posições simbólicas evidenciando um enunciado vazio, um marcador de presença simbólica e exclusão real.





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

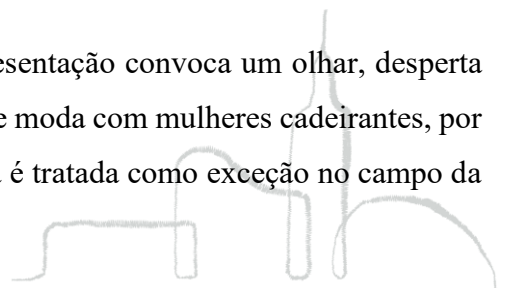
FAAP - SÃO PAULO
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

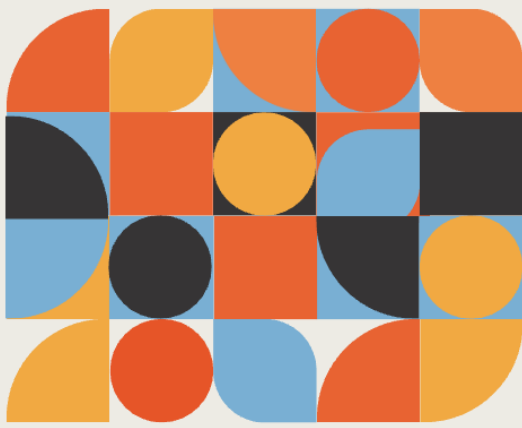
Nas ilustrações analisadas, evidencia-se o funcionamento de um regime de verdade ancorado na lógica da excepcionalidade, que define quais corpos podem ser vistos e sob quais condições devem aparecer. Tais imagens mobilizam dispositivos de visibilidade que, como aponta Foucault em *Vigiar e Punir* (1975), operam não apenas como formas de exibição, mas como tecnologias de poder que classificam, ordenam e produzem os sujeitos. Os corpos com deficiência são representados ora como dependentes — vistos pelas lentes de um outro que os assiste — ora como “heróis” que superam o impossível, admirados por realizarem feitos considerados inatingíveis. Em ambas as representações, o sujeito com deficiência não é reconhecido em sua experiência cotidiana, mas deslocado para posições discursivas que o mantêm como objeto de fala, e não como enunciador. Como Foucault discute em *A Ordem do Discurso* (1971), nem todo sujeito tem acesso irrestrito ao dizer: o que pode ser dito, por quem e em que condições é regulado por mecanismos de exclusão e controle. A visibilidade, portanto, não implica agência; ao contrário, pode operar como forma de sujeição, delimitando os modos possíveis de existir e ser reconhecido.

Nas imagens analisadas, não vemos apenas representações visuais, mas enunciados que carregam intencionalidades, silenciamentos e posições discursivas. Segundo Foucault (1975), os corpos são atravessados por regimes de visibilidade que não apenas mostram, mas regulam o que pode ser visto, dito e reconhecido socialmente. Isso nos leva a questionar: que corpos são autorizados a aparecer nessas ilustrações? E de que forma são convocados a aparecer.

Esse jogo de representações opera, como analisa Foucault em *Vigiar e Punir* (1975), por meio de dispositivos que organizam saberes e poderes sobre os corpos. Assim, mesmo quando visibilizados, os sujeitos com deficiência seguem muitas vezes restritos à posição de objeto de fala — seja como “heróis” da superação, seja como figuras inspiradoras —, sem acesso pleno à enunciação de si. Como propõe Foucault em *A Ordem do Discurso* (1971), é o próprio discurso que regula quem pode falar, em que condições e com que efeitos de verdade. Nesse contexto, a visibilidade não necessariamente rompe com a marginalização; ela pode, ao contrário, reinscrevê-la sob novas roupagens simbólicas

É importante lembrar que nenhuma imagem é neutra — toda representação convoca um olhar, desperta memórias, ativa sentidos inscritos culturalmente. No caso das ilustrações de moda com mulheres cadeirantes, por exemplo, o estranhamento inicial pode revelar o quanto a deficiência ainda é tratada como exceção no campo da





20^º COLÓQUIO DE MODA

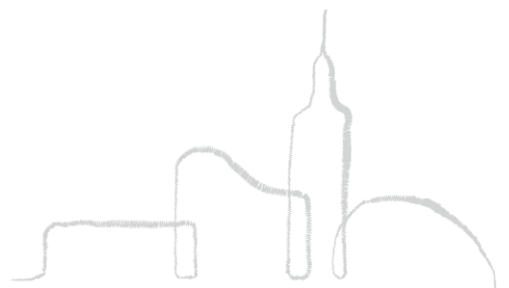
19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

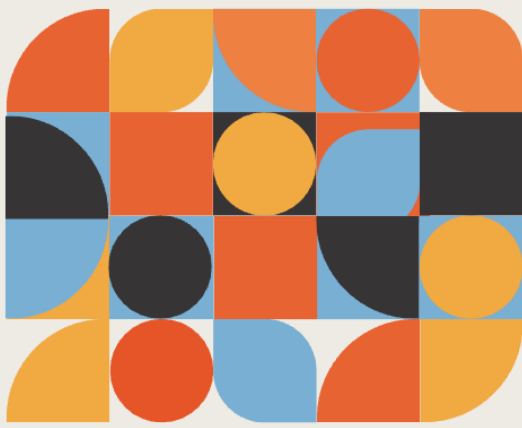
FAAP - SÃO PAULO
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

moda. A cadeira de rodas, (observada em todas as ilustrações selecionadas), por vezes transformada em acessório fashion que se estende ao corpo da modelo, pode ser lida como uma tentativa de reinscrição estética — mas sob quais condições isso é feito? Estaria em jogo um olhar de cuidado, uma proposta inclusiva ou uma exotização sutil?

Inúmeras as percepções acerca dos marcadores de identidade das ilustrações, podendo olhar para as roupas, expressões faciais, postura corporal e os objetos. Em primeiro momento vale pontuar o momento da elaboração das ilustrações, pois vai refletir um recorte social, uma história em que uma sociedade vive e que vai interferir, seja compactuando com as ilustrações ou não concordando com elas, inclusive se o intuito era estimular as diferenças, as desigualdades das mulheres ou apenas mais uma revista comercial que pretende exclusivamente vendas. O olhar sobre as ilustrações é criado para um público em específico e almeja-se sentidos esperados. O que se quer mostrar e o que se quer silenciar. O que não aparece na imagem? A raça, o gênero, a deficiência? a deficiência seria regra ou exceção? Seria o foco ou apenas um detalhe estético.

Podemos observar, que a maioria das roupas produzidas pela indústria da Moda ainda operam como dispositivos que reforçam uma norma corporal hegemônica, centrada em corpos magros, longilíneos e ditos “perfeitos”. Figuras com sobrepeso ou pessoas usuárias de cadeiras de rodas aparecem — o que ainda ocorre de forma excepcional —, geralmente apresentam trajes escolhidos tendem a vestir integralmente o corpo, cobrindo-o quase por completo. Esse apagamento visual parece buscar a desmistificação de corpos antes historicamente erotizados ou expostos, mas também pode implicar uma negação de sua potência expressiva.





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

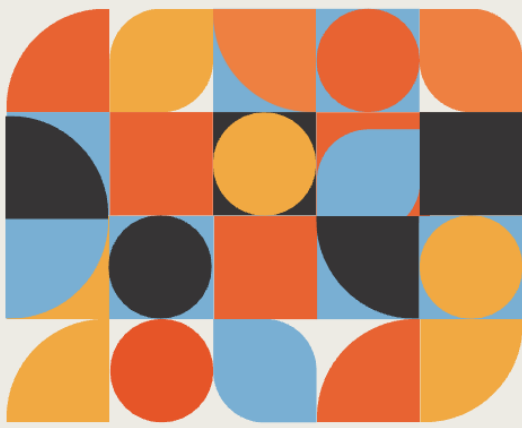
FAAP - SÃO PAULO
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Figura 1 e 2: 1. Ilustração de Stephanie McKay, 2020. 2. Ilustrações/croquis de Drika Valério, 2023.



Fonte: STEPHANIE MCKAY, 2020 e DRIKA VALÉRIO, 2023.

A figura 1 é uma ilustração digital da designer de moda canadense Stephanie McKay. Nela podemos uma figura feminina branca, de corpo tipo gordo, vestida com um conjunto roxo de blusa decotada e calça ajustada, blazer rosa e sandálias de salto. Logo atrás observamos uma ilustração de uma modelo negra de conjunto de camisa e calça na cor rosa, prótese em uma das pernas e bengala. A terceira mulher ilustrada é de cadeirante branca, de cabelos longos e lisos escuros vestida com uma peça verde com pernas a mostra e sandálias cor de rosa. Caminhando atrás observamos uma mulher de pele morena, alta e magra, cabelos na cor pink, vestindo blusa branca e calça azul utilizando uma prótese em um braço. A última figura feminina é de mulher baixa, branca, de cabelos presos e conjunto de blusa e calça roxas. Todas caminham uma atrás da outra. A ilustração faz parte de um artigo de um site que reflete sobre a importância da luta pela inclusão na educação da moda. No artigo, Scriver (2020), diz que “se quisermos realmente quebrar as normas sociais na indústria da moda, precisamos começar na sala de aula, onde os designers do futuro poderão aprender a criar para todos os corpos”.



20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

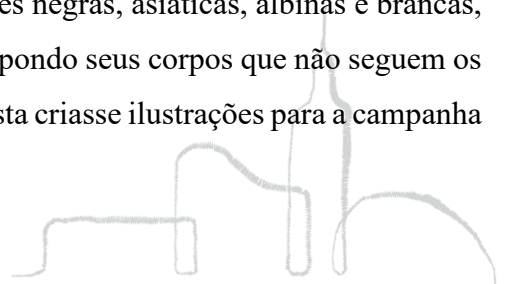
FAAP - SÃO PAULO
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

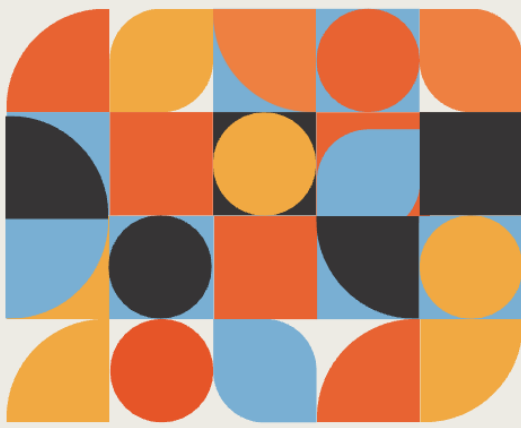
No artigo são apresentados dados de que na indústria de moda canadense, mesmo com o aumento constante da receita na indústria e os apelos por mais inclusão em todas as facetas do negócio, os programas de educação em moda em todo o Canadá permaneceram praticamente intocados, necessitando de mudanças e inclusões.

Na figura 2, observamos croquis da designer brasileira Drika Valério (13/06/2023), postadas no seu Instagram. São ilustrações de mulheres e homens com deficiências, utilizando cadeiras de rodas e próteses. A maioria possui corpos gordos e são de pele branca. Utilizam saias, shorts e roupas adaptadas de acordo com suas deficiências. Drika Valério também possui uma marca de Moda Inclusiva (Aria) e possui um e-book e cursos de desenho e modelagens para Moda Inclusiva, visando ensinar designers a desenhar e criar peças adaptadas e inclusivas.

Podemos observar que as ilustradoras, desenharam em sua maioria mulheres, para trazer ao leitor os diferentes corpos femininos, o olhar trabalhado de forma impactante, deixando de ser uma mulher que sugeriria uma delicadeza, para uma mulher forte, capaz de tudo e valente. Notamos também que nas representações de mulheres com deficiência, há uma tendência crescente de trazer à mostra elementos como próteses ou ausências de membros. Essa exposição pode ser lida não como afirmação de uma falta, mas como um esforço discursivo para reinscrever esses corpos como completos em sua diferença. O que está em jogo é uma tentativa de deslocar o olhar do déficit para a potência, do corpo marcado pela ausência para o corpo afirmado na diversidade de sua forma.

Entre as obras analisadas, nos debruçamos na obra da ilustradora irlandesa Laura Callaghan (Figura 3), cuja produção para o Dia Internacional da Mulher de 2018 inclui corpos diversos com marcadores interseccionais — deficiência, raça, identidade de gênero — desafiando a norma estética dominante. Na obra observamos uma mulher cadeirante vestindo roupas coloridas, mulheres de diversas etnias, peles e cabelos e biotipos, do magro ao gordo. Da mesma maneira, na figura 4, a ilustradora Ana Jaks desenha mulheres de diversas etnias e cores para uma campanha de calcinhas absorventes da Primark, em 2020. São mulheres negras, asiáticas, albinas e brancas, com corpos variados e uma cadeirante. As roupas são curtas e coloridas, expondo seus corpos que não seguem os padrões hegemônicos da moda. Segundo Jaks, a Primark solicitou que a artista criasse ilustrações para a campanha





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

de calcinhas menstruais da primavera/verão 2020. Elas precisavam ser comemorativas, inclusivas e acolhedoras de um grupo de mulheres.

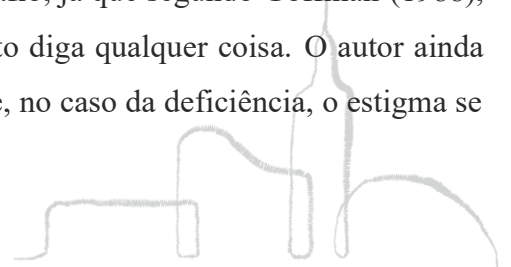
Ana Jaks é uma ilustradora residente da Inglaterra. Utiliza formas, cores, padrões para ilustrar figuras inclusivas e possui clientes de marcas como a Nike, Sephora, LUSH e outros. Ana se descreve como mulher queer com TDAH, criando diversas ilustrações a comunidade LGBTQIA+, a comunidade neurodiversa ou projetos relacionados à experiência feminina.

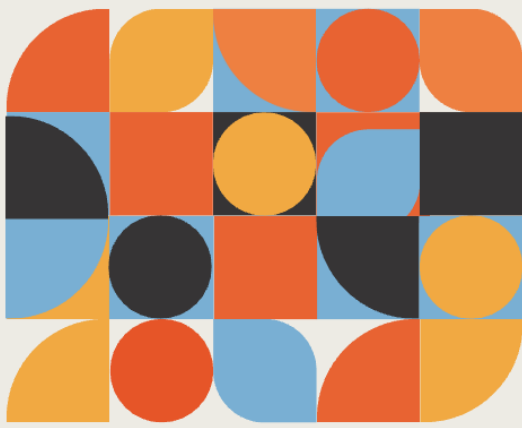
Figura 3 e 4: 3. Ilustração de Laura Callaghan (2018), 4. Ilustração de Ana Jaks (2022).



Fonte: LAURA CALLAGHAN, 2018 e ANA JAKS, 2020.

As cores utilizadas na ilustração da figura 3 são a roxa, a branca e a verde, que, segundo a ilustradora (Callaghan para Bourton, 2018), estão associadas ao movimento sufragista. A ideia era transmitir personagens que se sentem confortáveis seus corpos e peles, exalando confiança e desafio, já que segundo Goffman (1988), um corpo estigmatizado é um corpo que “fala” antes mesmo que o sujeito diga qualquer coisa. O autor ainda retrata o conceito de um estigma como atributo que desacredita o sujeito e, no caso da deficiência, o estigma se





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

evidencia na forma de uma identidade deteriorada, o sujeito reduzido a um marcador – a cadeira, a prótese, a marcha alterada, a ausência de fala.

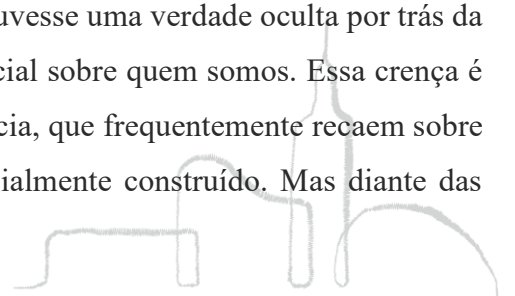
“A interseccionalidade e a inclusão ainda são um problema gritante no feminismo moderno, então senti que era importante representar mulheres de uma ampla seção da sociedade para servir como um lembrete de que uma voz para alguns, não para todos, não é boa o suficiente” (Callaghan para Bourton, 2018).

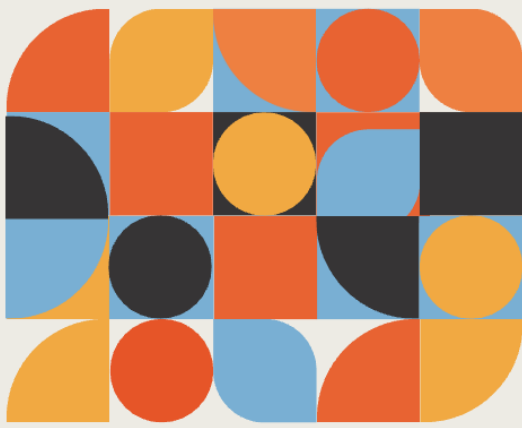
Para Callaghan (para Bourton, 2018), nos últimos anos houve um aumento de ilustradoras mulheres ilustrando a diversidade entre mulheres, chamando a atenção da mídia e do mercado. Para a ilustradora, pode ser uma oportunidade de amplificar as vozes de mulheres marginalizadas, ouvir o que elas precisam e compartilhar suas histórias com tanta preocupação quanto mostramos às celebridades femininas. Mas nessa indústria, as mulheres ainda são minorias. Notamos o mesmo entre as ilustradoras de moda, se pesquisarmos desde seus primórdios, no século XVIII.

Na tradição ocidental, o corpo foi historicamente tratado como algo secundário, inferiorizado em relação à mente, à razão ou ao espírito. Pensado como lugar da natureza e do instinto, foi frequentemente contraposto à cultura e à racionalidade. Essa lógica dualista operou com dicotomias rígidas — corpo versus alma, biológico versus social — como se esses polos fossem opostos puros, intocados um pelo outro. No entanto, é justamente o corpo que, em diversas sociedades, tem sido o primeiro elemento a ser examinado quando se busca nomear, classificar ou localizar um sujeito dentro de uma estrutura social.

A aparência física funciona como ponto de partida para a produção de sentidos sociais. Marcas corporais visíveis, como cor da pele, formato dos olhos, presença ou ausência de membros, tornam-se códigos de leitura que definem quem pertence, quem é legitimado e quem será excluído. Essas marcas, culturalmente interpretadas, não carregam significados universais: o que é valorizado em um grupo pode ser ignorado ou estigmatizado em outro. Ainda assim, em cada cultura, existem marcas que adquirem maior peso simbólico e que influenciam diretamente nas oportunidades, no reconhecimento e nos limites impostos aos sujeitos.

Mesmo quando se tenta separar aparência de essência, como se houvesse uma verdade oculta por trás da superfície visível, permanece a ideia de que o corpo revela algo de essencial sobre quem somos. Essa crença é particularmente sensível nos debates sobre gênero, sexualidade e deficiência, que frequentemente recaem sobre uma suposta “verdade biológica” que estaria por trás daquilo que é socialmente construído. Mas diante das





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

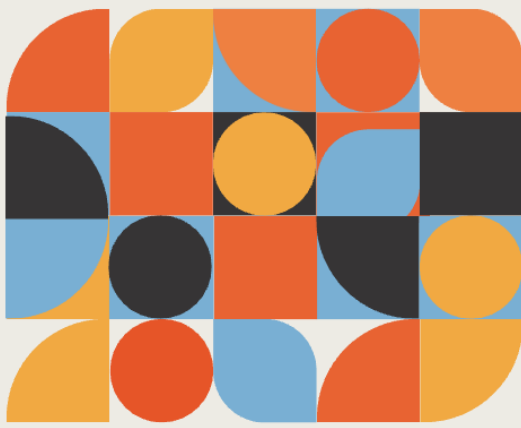
múltiplas intervenções — tecnológicas, discursivas, médicas, estéticas — que moldam os corpos hoje, é legítimo perguntar: o que é um corpo com uma prótese? É um artifício para se chegar ao mais próximo do “normal”? O que é artifício mecânico? Haveria algum corpo anterior à cultura? Essa reflexão é central para pensar a deficiência não como ausência ou falha, mas como uma construção discursiva que desafia a norma, que resiste e revela os mecanismos de poder que operam sobre os corpos.

No campo dos estudos contemporâneos sobre o corpo, Couto (2009) propõe a ideia do “corpo mutante” como uma categoria que rompe com a noção de um corpo fixo, natural e estável. A partir da articulação entre corpo, tecnologia e cultura, o autor evidencia que os corpos passam a ser pensados como territórios móveis e manipuláveis, produzidos social e simbolicamente. Essa perspectiva se mostra especialmente produtiva quando nos voltamos à análise das representações de corpos com deficiência na moda, uma vez que tais corpos historicamente foram associados à falta, à deformidade e à inadequação à norma estética.

Sob essa ótica, as ilustrações de moda que representam corpos com deficiência podem ser compreendidas como tensionamentos do ideal hegemônico de corpo funcional, jovem, magro e saudável. Ainda que algumas dessas representações reforcem certos estigmas (Goffman, 1988), outras sinalizam a emergência de um discurso visual que reconhece a mutabilidade dos corpos e a possibilidade de outras formas de beleza e visibilidade. Assim, ao relacionarmos a proposta do “corpo mutante” de Couto (2009), com a análise foucaultiana do corpo como efeito de práticas discursivas, compreendemos que a deficiência pode ser ressignificada no espaço visual da moda — não mais como ausência, mas como produção de diferença. Isso abre espaço para repensar os limites da representação e da inclusão estética dentro de sistemas normativos de visibilidade.

Entre as limitações do estudo, destaca-se o pequeno número de ilustrações acessíveis com representações explícitas de deficiência e a predominância de artistas internacionais. Ainda assim, este trabalho oferece contribuições significativas para os campos da moda, da linguagem e dos estudos da deficiência, ao propor um olhar crítico sobre a produção visual e discursiva do corpo. Sugere-se, como desdobramento futuro, o aprofundamento da análise em ilustrações técnicas de moda acadêmica e o estudo da formação de ilustradores/as em escolas de moda quanto à inclusão estética e simbólica da deficiência.





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Referências:

ANA.JAKS. Disponível em: <https://anajaks.co.uk/Primark-Period-Pants-Campaign> , 2020. Acesso em: 06/05/2025.

_____ : <https://www.instagram.com/p/CY4CXWisZ-p/> , 18 de janeiro de 2022. Acesso em: 06/05/2025.

BOURTON, Lucy. **Laura Callaghan on how she created this year's inclusive, powerful and all embracing IWD illustrations**, 8 de março de 2018. Disponível em: <https://www.itsnicethat.com/articles/laura-callaghan-process-illustrations-internationalwomensday-080318> . Site ITS NICE THAT <https://www.itsnicethat.com/> . Acesso em: 06/05/2025.

COUTO, Edvaldo Souza; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **Corpos mutantes**: ensaios sobre novas (d)eficiências corporais. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

DRIKA.LAB. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CtWfv6aS-JA/> , 13 de junho de 2023. Acesso em: 22/05/2025.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução de Marcos Marcondes. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 20. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 38. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SCRIVER, AMANDA. **Why the fight for inclusivity in fashion education is more important than ever**, 16/09/2020. THIS.Org. Disponível em: <https://this.org/2020/09/16/why-the-fight-for-inclusivity-in-fashion-education-is-more-important-than-ever/> . Acesso em 05/05/2025.

